

## PANDEMIA, MEIO AMBIENTE E CAPITALISMO: INFLUÊNCIAS E CONSEQUÊNCIAS

John Ross Silva Carvalho<sup>1</sup>

**RESUMO:** Este artigo tem como objetivo analisar a relação existente entre as pandemias, o meio ambiente e o capitalismo. Acredita-se que fator determinante para o surgimento de uma doença infecciosa ao nível de uma pandemia está relacionado diretamente com o meio ambiente e o capitalismo. Discutiremos como o meio ambiente como fonte ilimitada de insumos para a vida humana pode ser prejudicado, e como o capitalismo acelera o processo de desgaste. O artigo ressalta conceitos, e problemas baseando-se em problemas antigos e até hoje recorrentes, para que o leitor compreenda a gravidade da interferência desenfreada do ser humano ao meio ambiente, e que as consequências podem destruir não só o meio mais sim a nossa própria espécie. Quem de fato está sentindo o peso das consequências são os próprios causadores do caos. Adiante o artigo tece algumas possíveis ações para diminuir o impacto que a vida humana causa ao meio ambiente. Como metodologia, adotou-se o método indutivo, estatístico e observacional. Já o procedimento monográfico, utilizando-se dos procedimento de investigação bibliográfica e documental. Este artigo se caracteriza quanto a seus objetivos como descritivo e explicativo. Para a coleta de dados, usa-se a usa-se a pesquisa em livros, artigos, jornais e a internet.

1637

**Palavras-chave:** Pandemia. COVID-19. Capitalismo. Interferência. Desequilíbrio. Meio ambiente. Causa.

### INTRODUÇÃO

De longe a situação que vivenciamos nos últimos quase dois anos é a mais diferente que poderíamos imaginar. Talvez nem mesmo os grandes autores de best-sellers teriam capacidade criativa para este cenário. A pandemia da COVID-19 trouxe uma realidade, antes, por nós estudada, mais nunca vivenciada.

Diante da rotina alterada, e tudo ao nosso redor tão diferente é comum nascer uma curiosidade sobre o tema pandemias, e no decorrer de tantas pesquisas descobrir suas reais causas e suas consequências, pode ultrapassar a mera curiosidade e se tornar uma necessidade preventiva.

---

<sup>1</sup>Mestre em direito constitucional econômico pela UNIALF.

De forma clara relataremos que mesmo sendo uma novidade pra nós, as pandemias são recorrentes, e diante de suas causas é possível traçar mecanismos preventivos. Dentre estas causas relacionaremos a interferência humana e econômica no meio ambiente, como sendo a principal delas.

Pensem na situação como se o meio ambiente fosse a despensa de sua casa, onde a cada momento de necessidade você abre a porta e simplesmente apanha aquilo que lhe for útil naquele momento, porém sem se preocupar com a reposição, com o acondicionamento correto de determinados elementos, cada vez mais você se vale de sua despensa. Além dos recursos diminuírem gradativamente, seu consumo desenfreado atrapalha o armazenamento de determinados insumos, alterando a sua qualidade, aumentando a proliferação de insetos, de fungos e bactérias. Isso está acontecendo com o ser humano e o meio ambiente.

O desejo insaciável do ser humano em acumular riquezas faz com que não meça a gravidade de suas atitudes. A interferência exacerbada que ele exerce sobre o meio ambiente o modifica e causa desequilíbrios, e as consequências são inimagináveis, como por exemplo o surgimento de pandemias.

O meio ambiente é a base para a vida humana, nele encontramos elementos essenciais para a nossa sobrevivência. Através da interferência do homem, além de o destruir gradativamente, também causamos instabilidade que altera o curso da normalidade criando doenças diferentes, novas e cada vez mais graves. E para que interferimos tanto? Várias repostas diferentes poderiam ser ditas, porém todas elas giram em torno do egocentrismo humano e de suas necessidades capitalistas.

Dessa maneira acabamos caindo em um ciclo vicioso, onde através de intensas interferências humanas causadas sob o objetivo das bases do capitalismo, (o lucro e a o acúmulo de riquezas), causamos uma desarmonia no meio ambiente, o que é fator crucial para o surgimento de novas doenças infecciosas e por consequência das pandemias. Ocorre que em um situação de necessidade como a pandemia, nós voltamos para nossa despensa novamente, buscando dessa vez a cura para a situação que criamos, o que comprova mais uma vez nossa dependência do meio ambiente.

Em virtude do narrado se faz necessário criamos uma forma de reabastecermos a despensa e cuidar de forma adequada de nossos insumos, ou seja, precisamos interferir menos no meio ambiente, além de preservá-lo ao máximo para que nosso impacto seja o

menor possível e assim não ocorra o desequilíbrio, impedindo sua destruição e o surgimento de mazelas como a pandemia do COVID-19.

## CONCEITOS

Para uma compreensão adequada do tema é necessário trazermos a baila alguns conceitos importantes que iluminaram o entendimento dos leitores.

### 2.1- PANDEMIA

Palavra originaria do grego antigo, *pandemos*, onde *pan* significa “todo” e *demos* significa “povo”, ou seja, “todo o povo”. Neste contexto temos seu significado atual como sendo de acordo com o dicionário, a disseminação de uma doença infecciosa e contagiosa que alcança o mundo todo, geralmente inicia-se com a o aumento do número de pessoas contaminadas por uma doença em uma determinada região, o que denomina-se como epidemia. Podemos concluir que a pandemia é uma extensão geográfica de uma epidemia, onde a doença sai de seu local de origem se espalhando praticamente pelo mundo inteiro.

O fator que determina se uma doença que se espalha mundialmente é uma pandemia, não é simplesmente atingir diversos locais do globo, mais sim sua intensidade quanto seu progresso na contaminação. Sendo assim podemos dizer que nem toda doença que atinge múltiplos países seja de fato uma pandemia, existem doenças que mesmo onipresentes estão estabilizadas, não possuindo aspectos de epidemias.

Para a Organização Mundial de Saúde- OMS, órgão responsável por definir oficialmente se uma enfermidade que se espalha é ou não uma pandemia, tal expressão deve ser usada quando há a disseminação mundial de determinada doença tida como nova ultrapassando os limites de uma epidemia ou de um surto por meio de uma transmissão sustentada e comunitária.

Quando se fala em surto, considera-se o crescimento no número de pessoas infectadas por uma doença em uma escala menor, em um local determinado. Já a epidemia como mencionado acima, atinge vários locais, como cidades e estados, sua escala pode ser considerada mediana. Quando episódios de uma doença aparecem de maneira periódica em uma determinada região temos uma endemia. A escala de uma pandemia pode ser considerado enorme por atingir até mesmo o mundo por completo.

A OMS não estabeleceu de forma oficial as características que determina a existência ou não de uma pandemia, porém de acordo com os últimos episódios de pandemias observados concluímos que normalmente elas começam a partir de uma infecção em humanos provocada por um vírus, que se espalha em uma determinada região e posteriormente se multiplica pelo mundo através de viagens, transações comerciais, entre outras. Sua transmissão ocorre entre a população, como dito anteriormente, de maneira comunitária e sustentada.

Atualmente vivenciamos a realidade de uma pandemia, estamos enfrentando o COVID-19, que é ocasionada por uma subespécie de vírus, o SARS-CoV-2, da família do coronavírus, que já é bastante conhecido e que normalmente afetava apenas animais e que no ano de 2019, de maneira surpreendente infectou uma pessoa, e daí em diante se espalhou e conseguiu atingir o status de pandemia.

Para o Ministerio da Saude:

A COVID-19 é uma doença causada pelo coronavírus, denominado SARS-CoV-2, que apresenta um espectro clínico variando de infecções assintomáticas a quadros graves. De acordo com a Organização Mundial de Saúde, a maioria (cerca de 80%) dos pacientes com COVID-19 podem ser assintomáticos ou oligossintomáticos (poucos sintomas), e aproximadamente 20% dos casos detectados requer atendimento hospitalar por apresentarem dificuldade respiratória, dos quais aproximadamente 5% podem necessitar de suporte ventilatório

1640

Em um contexto histórico a humanidade já sobreviveu a algumas pandemias antes desta que enfrentamos. Antes do COVID-19, a chamada gripe suína, ocasionada pelo vírus H1N1 atingiu cerca de 300 mil pessoas em 187 países. Bem menos feroz que o COVID-19, a gripe suína, que estava presente em porcos e aves, surgiu em 2009 quando apareceu o paciente zero no México. No mesmo ano em junho, foi concedido a gripe suína o status de pandemia e em agosto do ano seguinte, 2010, oficialmente foi declarado seu fim.

Antes da gripe suína, outra pandemia atingiu o mundo, dessa vez de forma tão agressiva que a pandemia de gripe espanhola recebeu o patamar de mãe das pandemias. Transmitida através do vírus influenza, também originada do H1N1, mais diferente do vírus da gripe suína, conseguiu atingir cerca de 500 milhões de pessoas levando a óbito entre 17 a 50 milhões delas. De forma letal esta doença atingiu um quarto da população do mundo entre os anos de 1918 a 1920. Não se sabe ao certo seu local de origem, mesmo se chamando de Espanhola. Há indícios que teria surgido em centros de treinamento militares no Estados Unidos e teria recebido este nome pelo fato da Espanha não participar da primeira guerra

mundial que estava acontecendo e portanto não censurar sua imprensa o que acontecia nos envolvidos na guerra, e assim a notícia da existência da doença iniciou-se por lá. O fator da guerra ajudou muito a disseminação do vírus uma vez que os soldados infectados viajavam pela Europa e o espalhavam, sem nenhuma precaução.

Até os dias atuais somos vacinados anualmente contra este vírus do H1N1, para se evitar um novo episódio pandêmico.

Já em 1300 a pandemia da vez foi a conhecida como peste negra, ou bubônica, que surgiu na Ásia e atingiu a Europa matando aproximadamente 20 milhões de pessoas, reduzindo radicalmente a população europeia. Era originária no bacilo *Yersinia pestis*, que se encontra em pulgas de ratos contaminados, e caso eles entrassem em contato com humanos havia a contaminação, e em seguida a transmissão entre humanos ocorria através de secreções ou pela via respiratória. A mesma bactéria já havia deixado seu rastro mortal oitocentos anos antes, em 541 d.c, no império de Justiniano I, por isso ficou conhecida como peste justiniana. Como o intuito do imperador na época era expandir seu território, a doença que surgiu em navios comerciais logo se espalhou e chegou a matar até 5 mil pessoas ao dia, sendo erradicada em 544 d.c.

Há indícios que de 250 a 271 d.c ocorreu outra pandemia, a conhecida como peste de Cipriano, que levou este nome pois foi relatada nos escritos deixada pelo São Cipriano, um bispo da época. De acordo com as informações encontradas esta peste provavelmente foi causada por doenças que hoje nos parecem simples, a varíola e o sarampo. Os relatos indicam que ela havia surgido no Egito e se disseminou por todo Império Romano de forma avassaladora, chegando a dizimar uma grande parte da população da época.

Outra pandemia que atingiu o mundo foi a peste antonina que durou de 165 a 180 d.c e era provocada pela varíola. Ela recebera esse nome devido ao imperador da época, Marco Aurélio que tinha linhagem dos antoninos. A teoria de sua disseminação vem da questão alimentícia, uma vez que quem ingeria grãos contaminados adquiria a enfermidade.

Pelo histórico epidemiológico da humanidade resta claro que pandemias, epidemias e surtos não são novidades, e mesmo assim fomos pegos de surpresa pela COVID-19. Não possuíamos nem mesmo um plano de ataque, quanto mais medidas preventivas para se tomar. Após tantos anos e com tantos episódios graves não é possível dizer que a pandemia é imprevisível, pelo contrário, com nosso avanço tecnológico é possível não só prevê-la, como também evita-la, e para isso é necessário chegarmos a suas origens.

## 2.2- MEIO AMBIENTE

Quando falamos em meio ambiente rapidamente nossa mente nos remete a natureza, a fauna e a flora, mais conceituar esta expressão não é tarefa imediata para nosso inconsciente.

O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, IBGE, em seu Vocabulário Básico de Recursos Naturais e Meio Ambiente de 2004, traz que meio ambiente é o “conjunto dos agentes físicos, químicos, biológicos e dos fatores sociais susceptíveis de exercerem um efeito direto ou mesmo indireto, imediato ou a longo prazo, sobre todos os seres vivos, inclusive o homem.”

Este conceito de forma abrangente trata as interações que possam ocorrer entre seres vivos, em todas as formas, tempo e espaço.

Já no Glossário de Biologia e Ciências Ambientais de 2007, Breno Machado Grisi descreve o meio ambiente como sendo “a Reunião do ambiente físico e seus componentes bióticos.” Tal afirmação faz uma ligação quanto o ambiente físico e biológico que o compõe, indo além das interações que possam ocorrer mais colocando-os em um mesmo patamar, unindo-os. O Autor chega a considerar a expressão meio ambiente “dúbia e pleonástica” e portanto demasiadamente ampla englobando sentidos econômicos, socioeconômicos e de segurança, próprias do ambiente do ser humano. (GRISI, 2007)

Há a ideia de que o meio ambiente seja também tudo que esteja em volta do ser humano, o que mudaria conforme a necessidade da espécie ou do organismo. RIBEIRO e CAVASSAN trazem que:

Na relação entre organismo e ambiente, os seres selecionam quais elementos do mundo exterior devem estar presentes para a constituição dos seus meios ambientes e quais relações entre esses componentes são relevantes para os mesmos. Um meio ambiente não somente é caracterizado por meio da distribuição geográfica e temporal das espécies, mas principalmente como um espaço definido pelas atividades dos próprios seres (Lewontin, 2002). Assim, os indivíduos determinam os aspectos do mundo exterior que para eles são relevantes, em função de peculiaridades de sua morfologia e metabolismo, construindo ativamente seu arredor ou mundo externo.

Para eles o meio ambiente é tudo que de forma externa rodeia o ser humano, e para saciar suas necessidades ele altera o meio.

Resta claro que a doutrina não define de maneira harmônica de fato o conceito de meio ambiente, para tentar diminuir as divergências existentes nosso ordenamento jurídico visou solucionar este problema criando a Lei Federal nº 6.938/1981, a chamada Lei de Política Nacional do Meio Ambiente. Em seu artigo 3º, inciso I a Lei define que meio ambiente é o

*“o conjunto de condições, leis, influências e interações de ordem física, química e biológica, que permite, abriga e rege a vida em todas as suas formas.*

Este conceito vai além daquela natureza obviamente sugerida pela nossa psique, e abraça de certa maneira alguns aspectos de vários outros conceitos, pois ele compreende de forma ampla tudo que se relaciona a vida humana.

De acordo com este conceito, as relações entre o homem e tudo que o rodeia o auxiliando a mantê-lo vivo é considerado meio ambiente. Como o objetivo é auxiliar a sobrevivência deste ser, estas relações, ou melhor interferências ao meio possuiriam algum limite? Existe algum ponto onde o ser humano não deveria ultrapassar, ou deveria recuar, quanto sua interação com o meio ambiente?

De antemão adianto que ao contrário do objetivo desejado, determinadas relações, ou influências especificamente do homem ao meio ambiente podem auxiliar em sua destruição. Por exemplo as doenças que surgem rotineiramente e acabam se tornando pandemias são respostas do meio ambiente a interferência excessiva do homem ao meio.

Estas interferências podem ocorrer de inúmeras formas, com a criação e engorda de gado, aves e porcos retratada por Rob Wallace, ou pelo desmatamento desenfreado, pela emissão de gases poluentes, pela degradação de nossos rios, e demais atitudes que o homem exerce sob o intuito de atender seus interesses.

### **2.3-CAPITALISMO**

Vivemos uma economia que visa a acumulação de capital, e que tem como finalidade o lucro, estas características são próprias do capitalismo.

Para entender o que é o capitalismo, é necessário entender de onde vem. Dessa forma é indispensável a compreensão da palavra burguesia. Esta palavra tem origem em “*burgos*” que significa fortaleza ou pequenas cidades. Os burgos eram cidades medievais que se formaram na queda da idade média, os denominados burgos controlavam o mercado com outros indivíduos principalmente de fora das cidades.

Uma série de eventos reconfiguraram a sociedade naquela época, a decadência da Idade Média, a queda do feudalismo como sistema organizacional da sociedade e a Reforma Protestante.

Para Max Weber, os princípios éticos que norteiam o capitalismo são enraizados na teologia protestante, como por exemplo a questão do trabalho que foi enaltecido e colocado

como meio de salvação do homem, o que contrariava a ideia do catolicismo onde abnegação era a característica primordial. Com a supervalorização do trabalho a riqueza também passa a ocupar um espaço significativo, porém tal riqueza não deveria ser utilizada mais sim resguardada criando assim a ideia de acúmulo de riquezas.

Com a reconfiguração da sociedade a quantidade de terra deixa de ser sinal de riqueza e passa-se a considerar rico quem efetivamente possuía mais dinheiro. E assim surge a **Era Moderna** que produziu um cenário perfeito para o surgimento de um grupo de pessoas que se dedicavam ao comércio e a transações comerciais, os burgos, e assim surge a burguesia como classe social.

Neste momento a burguesia aparece e conquista espaço no poder e no controle político representando o livre comércio, sem interferências, assim como as liberdades individuais de cada indivíduo, bem como a escolha da própria religião e o modo de vida, o que parece ser os primeiros traços liberais. Tais ideias eram estranhas a sociedade medieval.

Com o renascimento comercial na Europa através das Cruzadas e da expansão ultramarina as relações comerciais foram ampliadas e o comércio interno ficou mais forte com a criação das feiras. Ademais o fortalecimento do comércio a ordem hierárquica de poder sofre uma reviravolta, a nobreza perde seu espaço para a burguesia, servos que trabalhavam para a nobreza e o clero passam a enxergar no comércio um meio de ascensão social, econômica e política.

A partir daí a burguesia começa a se estabelecer na política através da revolução francesa em 1789 e revolução industrial do século XVIII e XIX.

No que pese a burguesia surgiu na idade média, representada pelos comerciantes, passando pela revolução industrial já com os banqueiros e os empresários.

A burguesia é classe dominante do sistema capitalista se sobrepondo ao proletariado. Eles dominaram os meios de produção, assim como os lucros, tornando o proletariado a classe subalterna, que sobrevive vendendo sua força de trabalho. Já o proletariado é definido como a classe social completamente dominada. Os trabalhadores produzem para o lucro dos patrões, os burgueses. Pode-se considerar dois tipos de burguesia a mercantilista e a industrial.



A burguesia mercantilista é caracterizada por quem adotava as ideias mercantilistas ou seja: acúmulo de capital, balança favorável e metalismo. Surgiu a partir do século XV, na Europa, e foi uma das consequências do Renascimento Comercial, Cultural e Urbano.

A burguesia Industrial, presava o emprego de máquinas para aumentar a produção. Isso aconteceu na medida em que investiram na compra de máquinas e matérias primas, bem como na contratação dos empregados e sua exploração com jornadas de trabalho intermináveis. Surgiu com a Revolução Industrial no século XVIII.

A teorias de Karl Marx e Friedrich Engels trazem a diferenciação entre burguesia e proletariado. Ambas classes sociais mais com interesses diferentes, ou melhor contrários.

Com a ascensão da burguesia nascia o capitalismo que é definido como um sistema econômico, ou seja, é a forma de organização que a economia de uma sociedade utiliza para se moldar.

Ricardo Zimbrão, destaca em sua obra que:

Os economistas definem o capitalismo como um sistema econômico assentado na iniciativa privada e no livre mercado. Ou seja, o tipo de propriedade dominante é a particular; a gestão da economia é feita predominantemente por empresas organizadas burocraticamente, com sistemas contábeis e administrativos racionais e eficientes cujo objetivo é o lucro; a produção e o consumo são feitos em grandes escalas e padronizados; o processo de circulação das mercadorias é coordenado pelo livre jogo da oferta e demanda dos mercados; o desenvolvimento tecnológico é determinado pela acumulação de capital, sendo os investimentos feitos de forma constante, que por sua vez determina novos padrões de produção, de consumo, posições de setores e empresas no mercado, portanto, novos padrões de acumulação de capital.

Por fim, a divisão do trabalho baseia-se na separação entre trabalhadores juridicamente livres e os respectivos proprietários dos meios de produção.

No contexto apresentado, capitalismo como um sistema econômico onde há o livre mercado e a iniciativa privada se sobrepõe ao coletivo, sempre objetivando o lucro e por fim o acúmulo de riquezas. Neste sistema o comercio é gerido pela oferta e demanda, e pela mão de obra trabalhista, que não se mistura com os proprietários.

De acordo com seu passado entende-se que no capitalismo o meios de produção e a força de trabalho se completam para gerar condições efetivas de vida.

É possível observar na obra de Rosa Luxemburgo que a rivalidade militar do início do sec XX é consequência do desenvolvimento desigual do capitalismo, ou seja os países mais desenvolvidos lutam entre si para aumentar seu domínio, conquistar outras regiões. Países com o capitalismo mais desenvolvido são os de maior composição orgânica do capital, neles predominava-se quase que absolutamente as relações de produção capitalistas e os

grandes oligopólios que são uma forma evoluída de monopólio, no qual um grupo de organizações ou governos promovem o domínio de determinada oferta de produtos e/ou serviços.

Esta luta entre estes países desenvolvidos acaba por gerar conflitos geopolíticos e assim alimentam cada vez mais o militarismo. O processo de conquista de novas zonas incentiva o processo de acumulação capitalista e assim é necessário cada vez mais trabalho e fatores de produção o que dissolve as relações sociais e assim leva a estas regiões a atuação europeia. A exportação aqui não é de desenvolvimento e sim de violência e do regime de predação específico do capitalismo.

A necessidade de expansão para zonas não capitalistas decorre das características da reprodução capitalista e não do hipotético subconsumo, que seria o consumo fraco ou insuficiente, inferior à oferta, por falta de poder de compra do mercado.

A elevação da produtividade da indústria vem justamente da concorrência impiedosa entre os capitais obrigando a incorporação de todas as sociedades do planeta ao capitalismo. Quanto mais se fortalece e se desenvolve o capitalismo, mais ele precisa englobar o meio não capitalista.

O capitalismo dominou o mundo e suas características como o lucro, a acumulação de riquezas, a exacerbação dos meios de trabalho, se tornaram presentes em todas as nações além de essenciais para o desenvolvimento humano.

Ocorre que a forma capitalista que movimenta o mundo atualmente é forte e dura, seus princípios basilares estão bem presentes o que na maioria das ocasiões faz com determinados limites, princípios sejam quebrados. Ou seja, para maior obtenção de riquezas muitas vezes a humanidade ultrapassa limites, como Rosa Luxemburgo nos mostrou esta atitude ilimitada não é de hoje, um sistema que nasceu se valendo até mesmo de meios violentos para avançar não se importa muito com mais nada, a não ser com seu êxito.

Esta prática ilimitada que o capitalismo influencia faz com o ser humano interfira e cada vez mais no meio ambiente de todas as formas possíveis que lhes proporcione lucro. E esta interferência pode ser crucial para o desenvolvimento de algumas doenças infecciosas.

Para compreender tal situação, é válido lembrar da questão do surto de febre maculosa que ocorre no interior de São Paulo. Esta doença já ocupa a número um em contaminação no estado, em 2019 chegou a superar a dengue, matando 56% dos infectados. De forma súbita o número de infectados aumentou drasticamente e preocupou os estudiosos

que ao analisarem as características da doença e seus pontos de contágio conseguiram comprovar que a interferência humana é culpada pelo seu avanço.

A febre maculosa é transmitida pelo carrapato-estrela encontrado em capivaras. Apenas 0,02% dos carrapatos carregam a bactéria que transmite a febre, logo para que se justifique o aumento nos casos de infecção é necessário um crescimento demasiado da população de sua hospedeira, a capivara. (CARVALHO, R. A, 2020)

Descobriu-se que na cidade de Itu havia sido criado um condomínio fechado por muros, o que fez com que os animais que ali ficaram trancados tivessem condições excepcionais de vida, com a maior facilidade em se alimentar, extirpando os seus predadores, além de diminuir a concorrência pelo alimento, o que sepultou o efeito de diluição, onde o próprio meio ambiente se incumbiu de frear de forma natural o crescimento populacional de determinada espécie.

Com condições tão favoráveis a população de capivaras se elevou e com ela o número de carrapatos-estrela, e por consequência a bactéria causadora da febre maculosa, causando assim o surto naquela região.

Outro exemplo é o tráfico de animais silvestres que movimentam bilhões de dólares por ano chegando a ocupar a terceira posição no ranking das atividades ilícitas no mundo. A captura desenfreada dos animais silvestres é a causa de extinção de muitas espécies. Grande parte deste comércio é praticado para subsistência, e parte restante está neste ramo por ter um lucro superior ao trabalho comum. Percebe-se mais uma vez a atuação do capitalismo incentivando práticas abusivas do ser humano para o meio ambiente.

O exemplo do surto da febre maculosa e do tráfico de animais é apenas a ponta do iceberg, não faltam situações de desequilíbrio ambiental causado por interferências excessivas do ser humano que por consequência geram também o crescimento de doenças.

De forma simples podemos compreender que os aspectos ambientais e epidemiológicos estão conectados a questões econômicas, como a desigualdade social, tanto em seu princípio como em seus frutos.

### 3 A DECADÊNCIA DO CAPITALISMO DE MIDAS

Precipualemente não existem limites para o capitalismo, logo vivenciamos um aumento exponencial do progresso científico com a majoração no uso dos recursos naturais, sem

mencionar que o trabalho e recursos naturais são perfeitamente substituíveis entre si pelo bem maior do lucro.

Não raro, os recursos naturais são extraídos de forma incessante e inevitável por conta da expansão humana, entretanto nesse caminho de expansão (destruindo habitats; utilização incontrolável dos recursos naturais; exploração da fauna e flora; caça predatória de animais selvagens e sem controle estatal de zoonoses; entre outros) o ser humano encontrou um vírus denominado de COVID-19, ou por seu nome mais famoso: coronavírus.

Hodiernamente vivenciamos um período consubstanciado em isolamento social, em que pessoas estão ficaram recolhidas nos seus lares, redução de atividades sociais e até mesmo uma mudança brusca no modo laboral, visto que muitas empresas optaram por contratar pessoas para trabalharem no famoso “home office”, tudo com o objetivo de controlar a propagação do coronavírus.

Num aspecto global, a pandemia COVID-19 trouxe um novo modo de vivência social. Ultimamente o que não falta são reuniões entre políticos acerca dos reflexos diretos e indiretos do coronavírus no ecossistema e na economia. O capitalismo se encontra de mãos atadas para solucionar o problema. A busca incessante pelo lucro ocasionou uma das piores crises econômicas e sociais, aumentando a desigualdade social.

Uma situação grave, que assola a sociedade no âmbito interno e extrapola fronteiras a nível internacional. Mas um questionamento que não pode ser calado e devemos indagar: “Era previsível uma pandemia?” A resposta é sim, inclusive ocorreu um alerta conhecido como o “Relatório Fronteiras 2016 sobre questões emergentes de preocupação ambiental” do PNUMA mostrando que as zoonoses ameaçam o desenvolvimento econômico, o bem-estar animal e humano e a integridade do ecossistema.

A priori com a busca incessante pelo lucro proporcionado pelo sistema econômico capitalista, muitas empresas estão em ascensão e na medida que estão crescendo destroem os habitats selvagens, seja consumindo sua carne, seja na produção de matérias primas que podem ser extraídos deste habitat.

No relatório citado acima, “cientistas sugerem que habitats degradados podem incitar processos evolutivos mais rápidos e diversificar doenças, já que os patógenos se espalham facilmente para rebanhos e para o ser humano”.

A COVID-19 é zoonose, ou seja, é uma doença transmitida entre animais e pessoas que pode ser causada por bactérias, parasitas, fungos e vírus. Logo fica claro concluir que o

desmatamento além de agravar a questão global sobre o clima, também provoca um desequilíbrio no ecossistema capaz de gerar uma pandemia, ou o que os especialistas chamam de “transbordamento zoonótico” (onde o agente etiológico rompe a barreira entre as espécies). “O transbordamento pode acontecer quando um agente etiológico é transmitido diretamente do animal não humano tido como reservatório para o humano receptor ou é transmitido inicialmente à outro animal não humano.”

Nesse hiato, a fiscalização de zoonoses é uma questão primordial de saúde pública e deve ser estabelecido programas nacionais e internacionais relacionados à prevenção dessas doenças. Logo é plausível que essa alteração do comportamento humano (destruição de habitats) cumulada com o rápido traslado internacional facilita qualquer propagação de doenças antes circunscritas à natureza.

Como forma de combater eventuais pandemias os Estados a nível nacional e internacional devem observar as seguintes medidas:

- O primeiro passo é mudar nossa relação com a natureza desde na maneira individual até a coletiva, um conjunto de atos que se somados ajudam de forma exaustiva na proteção do meio ambiente. Comportamentos simples podem ser observados, como uma pessoa que toma banho após um dia exaustivo de trabalho para relaxar, deve diminuir o quantitativo de água nos próximos banhos, pois aquela água pode advir de alguma nascente. Logo são comportamentos pequenos que geram um benefício social imenso;

- Outro meio de evitar a propagação de pandemias futuras seria o controle de zoonoses feito pelo Estado de forma constante, devendo ter uma segurança maior no sistema alimentar. Assegurar o consumo de animais silvestres e monitorar casos de saúde animal e humana constantemente.

- O Estado deve incentivar empresas do ramo alimentício a optarem pelos métodos tradicionais de alimentos derivativos de animal;

- Criar medidas precoces para eventuais novos surtos de doenças;
- Incentivar o progresso tecnológico para monitorar e controlar de forma eficiente doenças provenientes de animais;
- Assegurar medidas de forma prematura para reduzir mudanças climáticas;
- Regular políticas públicas por meio de leis para uma sensibilidade maior na prevenção e combate de doenças emergentes;

#### 4 DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL COMO MÉTODO PARA O CRESCIMENTO ECONÔMICO

Precipuamente com todas as medidas restritivas na liberdade de locomoção por conta da pandemia COVID-19 gerou um retrocesso econômico com o aumento das desigualdades sociais. No Brasil esse deslize econômico só não foi maior em razão da intervenção estatal que aplicou políticas públicas como o “Auxílio Emergencial” e outros para conter a miséria extrema.

Sobretudo não podemos vivenciar essas crises e em devaneio não tomar nenhuma atitude. A realidade é que somente a humanidade em conjunto pode combater futuras crises pandêmicas mediante a adoção de um conjunto de políticas públicas.

Com todas as consequências da pandemia devemos analisar de maneira analítica o consumo desenfreado, a destruição que assola o meio ambiente e as mudanças climáticas. Devemos contar com o apoio da comunidade internacional para fiscalizar e evitar essa destruição desenfreada do meio ambiente.

Como crescer economicamente sem essa devastação frenética que assola o habitat animal, a destruição da flora e a fauna? A resposta é simples, através do desenvolvimento sustentável, pois esse sistema visa trazer um **equilíbrio entre o meio ambiente, economia e** um aspecto social. Para o desenvolvimento sustentável a harmonia entre a proteção do meio ambiente na utilização de recursos e no emprego para o crescimento econômico é primordial.

Nesse ínterim é preciso um conjunto de ações que deve ser especificado por meio de políticas específicas para atender cada problema ambiental e proporcionar um crescimento estabilizado respeitando a sustentabilidade. De um modo mais preciso e reiterando o que já foi dito acima, a solução deve ser a nível internacional por meio da formulação conjunta de políticas macroeconômicas ambientais.

#### CONCLUSÃO

Em conclusão, a pandemia da COVID-19 revelou de forma incontestável a profunda interconexão entre a atividade humana e o meio ambiente. Ficou claro que a exploração desenfreada dos recursos naturais, impulsionada pela busca implacável por lucro e acumulação de riquezas, tem sérias repercussões, incluindo o desequilíbrio e a degradação do meio ambiente, que, por sua vez, contribuem para o surgimento de pandemias.

Nossas ações têm impactos que vão além de nossa compreensão inicial, afetando não apenas a saúde do planeta, mas também nossa própria saúde e bem-estar. A analogia da despensa nos lembra que, assim como em nossa casa, precisamos gerenciar os recursos com responsabilidade, assegurando sua reposição e acondicionamento adequados.

A pandemia nos forçou a encarar a realidade de que não podemos continuar a explorar o meio ambiente impunemente. Precisamos adotar medidas para preservar e reabastecer nossa "despensa", garantindo a sustentabilidade e a estabilidade do ecossistema que sustenta a vida na Terra. Isso envolve mudanças fundamentais em nossas atitudes, políticas e práticas econômicas, buscando um equilíbrio entre as necessidades humanas e a preservação do meio ambiente.

Em última análise, a pandemia da COVID-19 é um lembrete contundente de nossa profunda interdependência com o planeta e a necessidade urgente de agirmos de maneira responsável e consciente para evitar futuras catástrofes. Somente através de uma abordagem mais sustentável e equitativa em relação ao meio ambiente podemos aspirar a um futuro mais seguro e saudável para todas as formas de vida na Terra.

## REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO

1651

CLARK, G. et al. *Pandemia, Política Econômica e as Mudanças na Ordem Jurídica*. Belo Horizonte: Editora RTM, 2020.

ENTENDA O QUE É UMA PANDEMIA E AS DIFERENÇAS ENTRE SURTO, EPIDEMIA E ENDEMIA. **Instituto Butantan**, 2021. Disponível em: >[https://butantan.gov.br/covid/butantan-tira-duvida/tira-duvida-noticias/entenda-o-que-e-uma-pandemia-e-as-diferencas-entre-surto-epidemia-e-endemia#:~:text=Uma%2oenfermidade%2ose%2otorna%2ouma,Mundial%2oda%20Sa%C3%BAde%20\(OMS\)<](https://butantan.gov.br/covid/butantan-tira-duvida/tira-duvida-noticias/entenda-o-que-e-uma-pandemia-e-as-diferencas-entre-surto-epidemia-e-endemia#:~:text=Uma%2oenfermidade%2ose%2otorna%2ouma,Mundial%2oda%20Sa%C3%BAde%20(OMS)<) Acesso em: 25 de outubro de 2021.

SCHUELER, Paulo. O que é uma pandemia. **Fiocruz**, 2021. Disponível em: ><https://www.bio.fiocruz.br/index.php/br/noticias/1763-o-que-e-uma-pandemia>< Acesso em: 25 de outubro de 2021.

SILVA, Daniel Neves. "Gripe espanhola"; **Brasil Escola**. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/historiag/i-guerra-mundial-gripe-espanhola-inimigos-visiveis-invisiveis.htm>. Acesso em 25 de outubro de 2021.

SILVA, Daniel Neves. "Peste negra"; **Brasil Escola**. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/historiag/pandemia-de-pestes-negras-seculo-xiv.htm>. Acesso em 25 de outubro de 2021.

ARAUJO, Felipe. Praga Justiniano. **InfoEscola**. Disponível em: ><https://www.infoescola.com/historia/praga-de-justiniano/> < Acesso em: 25 de outubro de 2021.

ANDRADE, Ana Luiza Mello Santiago de. Praga de Cipriano. **InfoEscola**. Disponível em: ><https://www.infoescola.com/historia/praga-de-cipriano/> < Acesso em: 25 de outubro de 2021.

ARAUJO, Felipe. Peste Antonina. **InfoEscola**. Disponível em: > <https://www.infoescola.com/historia/peste-antonina/> < Acesso em: 25 de outubro de 2021.

RIBEIRO, Debora. Pandemia. **Dicionário Online de Português**, 2021. Disponível em: ><https://www.dicio.com.br/pandemia/> < Acesso em: 25 de outubro de 2021.

JARDIM, Caio. Pandemias: o que diz o conceito e a história sobre o assunto? **Politize!**, 2021. Disponível em: ><https://www.politize.com.br/pandemias/> < Acesso em: 25 de outubro de 2021.

IGGE- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATISTICA. **Vocabulário Básico de Recursos Naturais e Meio Ambiente**, 2º edição. Rio de Janeiro, 2004.

GRISI, BRENO MACHADO. **Glossário De Ecologia E Ciências Ambientais**, 3ª edição revisada e ampliada. João Pessoa, 2007. Disponível em: ><https://docplayer.com.br/3879407-De-ecologia-e-ciencias-ambientais.html> < Acessado em: 25 de outubro de 2021.

RIBEIRO, J, A, G, et al. **Os Conceitos de Ambiente, Meio Ambiente e Natureza No Contexto da Temática Ambiental: Definindo Significados**, 2013. Disponível em: ><https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/135129/ISSN2346-4712-2013-08-02-61-76.pdf?sequence=1&isAllowed=y> < Acesso em: 25 de outubro de 2021.

CARVALHO, R, A. **Doenças Infecciosas Emergentes Na Fronteira Do Desmatamento**. COVID-19 Meio Ambiente & Políticas Publicas, São Paulo, Hucitec Editora, 2020.

CATANI, A, M. O que é o Capitalismo. Editora brasiliense. Disponível em: ><https://apca.com.br/wp-content/uploads/2020/10/Colecao-Primeiros-Passos-O-Que-e-Capitalismo.pdf> < Acesso em: 27 de outubro de 2021.

PAULA, R, Z, A DE. **Capitalismo: Definições**. São Luiz: EDUFMA, 2020.

PENA, Rodolfo F. Alves. "O que é Capitalismo?"; *Brasil Escola*. Disponível em: ><https://brasilecola.uol.com.br/o-que-e/geografia/o-que-e-capitalismo.htm> < Acesso em 26 de outubro de 2021.